

DOSSIÊ - RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Capacitismo na Educação Física e suas implicações na realidade escolar: um relato de experiência

Ableism in Physical Education and its implications in school reality: an experience report

 Janaína Araújo Teixeira Santos *
Henrique Araújo Teixeira Santos **

Resumo: Este artigo explora o capacitismo na Educação Física por meio de um relato de experiência, a partir da vivência de um professor da rede pública de ensino do Distrito Federal. O presente estudo tem como objetivo apresentar a experiência individual vivenciada por um professor de Educação Física do ensino fundamental diante da dificuldade em lidar com as limitações de alunos com deficiência e/ou transtorno, principalmente em momentos de competição e na tendência social à exclusão desses alunos durante as aulas de Educação Física. A experiência permitiu reconhecer que a luta anticapacitista na Educação Física é um processo contínuo que exige reflexão crítica, ação e colaboração de toda a comunidade escolar.

Palavras-chave: Capacitismo. Educação Física. Inclusão escolar. Jogos Escolares. Deficiência.

Abstract: This article explores ableism in physical education through an experience report from the experience of a teacher in the public school system. The objective is to present the individual experience of an elementary school physical education teacher when faced with the difficulty of dealing with the limitations of students with disabilities and/or disorders. The experience allowed us to recognize that the anti-ableist struggle in Physical Education is an ongoing process that requires critical reflection, action and collaboration from the entire school community.

Keywords: Ableism. Physical Education. School Inclusion. School Games. Disability.

* Doutora em Atividade Física e/ou Reabilitação para Populações Especiais – UNB (2021). Mestre em Atividade Física e Deficiência Mental (2010), possui graduação em Educação Física pela Universidade de Brasília (2000) e fisioterapia pela Farplac (1997). Pós-graduada em Educação Especial com ênfase em inclusão (2006). Tem experiência na área de ensino especial/estimulação precoce/educação infantil, Equoterapia na rede de ensino do DF. Professora voluntária do curso de Terapia Ocupacional da Faculdade de Ceilândia (FCE,2024), docência no nível superior (FALBE) nas disciplinas de Educação Física Especial e Crescimento e Desenvolvimento Motor e tutoria na pró-licenciatura da Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília. Formadora na Unidade-Escola de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (2025).

** Estudante de graduação e licenciatura em Educação Física pela Universidade de Brasília, atualmente no sétimo semestre. Também é estudante pesquisador do laboratório NECON (Núcleo de Estudos do Corpo e Natureza), no qual desenvolve pesquisas nas áreas de corpo e gênero, além de educação inclusiva. Possui experiência prática por meio de estágios e trabalho nas áreas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Introdução

O capacitismo é uma forma de discriminação e preconceito social contra pessoas com deficiência, fundamentada na crença de que a deficiência é inherentemente indesejável e de que indivíduos sem deficiência são superiores. Essa ideologia se manifesta não apenas em atos discriminatórios isolados, mas também em estruturas sociais, normas e políticas que perpetuam a exclusão e a marginalização (Mannor e Needham, 2024; Mörschbächer e Hickel, 2022; Adamson et al., 2020; Tavares, 2008). Di Marco (2020) aprofunda essa discussão, explicando que o capacitismo se baseia na premissa de que a "capacidade" é o critério definidor do valor humano. Consequentemente, aqueles que não se adequam aos padrões de capacidade estabelecidos socialmente são desvalorizados, marginalizados e, por vezes, invisibilizados. Dolmage (2017), em sua análise sobre o capacitismo acadêmico, explora como essa ideologia permeia as instituições e, embora seu foco seja o ensino superior, os princípios são amplamente aplicáveis a todos os níveis de ensino.

Historicamente, a compreensão da deficiência evoluiu do modelo médico, que a encarava como uma patologia a ser curada, para o modelo social, que a entende como uma construção social resultante de barreiras atitudinais e ambientais (Sassaki, 2019). No entanto, apesar dos avanços conceituais e legais, o capacitismo persiste, muitas vezes de forma velada, influenciando percepções, comportamentos e práticas em diversos setores da sociedade. Di Marco (2020) argumenta que o capacitismo é um "mito da capacidade", uma ficção social que nos leva a crer que a ausência de deficiência é um estado natural e superior, quando, na verdade, a capacidade é um espectro e a deficiência é uma parte intrínseca da diversidade humana. Seron et al. (2021) abordam o esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista enfatizando a importância de valorizar a diversidade e combater estereótipos.

Esse estudo focaliza as formas em que o capacitismo se apresenta dentro do ambiente escolar, especificamente nas aulas de Educação Física. Dessa forma, problematizou-se como a marginalização de corpos que não atingem determinados rendimentos ou padrões pré-estabelecidos afeta diversos alunos nas escolas. É mostrado como é necessário que a comunidade escolar abrace a diversidade de corpos e se torne aliada da luta anticapacitista.

O capacitismo no cenário educacional

No âmbito educacional, o capacitismo adquire contornos específicos. A educação inclusiva, prevista em diversas legislações e documentos nacionais, busca assegurar que todos os alunos, independentemente de suas características, tenham acesso e participem do processo educacional

em condições de igualdade (Brasil, 1996). Contudo, a mera presença física de alunos com deficiência em salas de aula regulares não garante a inclusão efetiva. Para que a inclusão seja genuína, é fundamental combater as barreiras invisíveis e as atitudes capacitistas que permeiam o ambiente escolar (Seron et al., 2021). Di Marco (2020) destaca que a inclusão não se trata apenas de "inserir" pessoas com deficiência em um ambiente "normal", mas de transformar o ambiente para que ele seja acessível e acolhedor a todas as formas de existência. Pesquisas como a de Ataíde e Massaro (2023), sobre a percepção de egressos de cursos de especialização em educação especial, revelam ser essencial revisar componentes e conteúdos do curso para melhor atender às exigências do cotidiano escolar.

A acessibilidade, em suas múltiplas dimensões, é um pilar fundamental para superar o capacitismo. Sassaki (2019) destaca sete dimensões da acessibilidade: atitudinal, comunicacional, metodológica, instrumental, programática, arquitetônica e natural. No contexto da Educação Física, a acessibilidade metodológica (ausência de barreiras nos métodos e técnicas de estudo e trabalho), instrumental (ausência de barreiras nos instrumentos, ferramentas e utensílios) e programática (acesso sem barreiras invisíveis embutidas em textos normativos, programas, leis e regulamentos) são particularmente relevantes para garantir a participação plena de todos os alunos (Sassaki, 2019). Di Marco (2020) complementa essa visão, afirmando que a acessibilidade é um ato de justiça social, pois reconhece que o problema não está na deficiência, mas nas barreiras que a sociedade impõe.

O capacitismo na educação física não se limita apenas à deficiência. A estigmatização de corpos que fogem ao padrão "ideal" de desempenho físico, como os corpos obesos, também é uma manifestação dessa ideologia. A gordofobia, enquanto forma de capacitismo, opera sob a premissa de que a obesidade é uma falha moral ou uma questão de falta de autocontrole, desprezando os múltiplos fatores que podem influenciar o peso corporal e negligenciando o direito à participação e ao bem-estar de indivíduos obesos (Sykes & Mcphail, 2008; Trout & Gruber, 2009). Di Marco (2020) aponta que a ideia de um corpo "normal" ou "saudável" é, muitas vezes, uma construção capacitista que ignora a diversidade de corpos e experiências humanas, e que a pressão para a "normalidade" física é uma forma de controle social. Da mesma forma, alunos com transtornos, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), muitas vezes enfrentam barreiras relacionadas à falta de compreensão de suas necessidades sensoriais e sociais, resultando em exclusão ou adaptações inadequadas que não promovem a verdadeira inclusão (Kapp, 2013; Ratto et al., 2023; Bottema-Beutel et al., 2023).

É crucial reconhecer que o capacitismo é uma ideologia que perpassa a sociedade, e a Educação Física, como reflexo dela, reproduz e perpetua essas práticas. A formação de professores, as políticas educacionais e a cultura escolar desempenham um papel fundamental na perpetuação ou no combate a essa forma de discriminação. Araujo, Salles e Cruz (2024) também abordam o capacitismo, a deficiência e a educação física, notando que se trata de uma prática discriminatória e excluente. Para Di Marco (2020), a desconstrução do capacitismo exige uma profunda revisão de nossos valores e crenças, reconhecendo que a diversidade é a verdadeira norma, e não a exceção. Diante das reflexões anteriormente apresentadas, o presente estudo tem como objetivo apresentar a experiência individual vivenciada por um professor de Educação Física do Ensino Fundamental perante a dificuldade em lidar com as limitações de alunos com deficiência e/ou transtorno, principalmente em momentos de competição e a tendência social à exclusão desses alunos durante as aulas de Educação Física.

A Educação Física escolar frequentemente perpetua a exclusão de estudantes com deficiência ao adotar uma abordagem pedagógica que desconsidera a diversidade de corpos. A ausência de práticas verdadeiramente inclusivas nesse contexto, com o planejamento de atividades que não se adaptam às necessidades individuais, demonstra como a disciplina, em vez de ser um espaço de integração, pode reforçar o capacitismo. Para reverter esse cenário, é imperativo que a escola adote um modelo de ensino inclusivo, alinhado ao que Kirk, Macdonald e O'Sullivan (2006) propõem: a necessidade de reconhecer as diferenças e promover um ambiente de equidade e de pertencimento. Esse princípio encontra respaldo na Declaração de Salamanca (1994), da UNESCO, um documento que estabelece o direito de todos à participação plena e igualitária na educação. Portanto, a falha em incorporar esses pressupostos não apenas contraria diretrizes internacionais, mas também nega às pessoas com deficiência o direito fundamental à inclusão, perpetuando uma exclusão que deveria ser combatida.

Materiais e métodos

Este artigo consistiu em um relato que descreve experiências vivenciadas por um professor de Educação Física do Ensino Fundamental da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF), que conta com mais de dez anos de atuação na rede pública, no qual compartilha suas observações e reflexões sobre o capacitismo em seu cotidiano profissional, com foco especial na exclusão de alunos com deficiência, obesos e com transtornos. O formato de relato de experiência, conforme discutido por Mussi, Flores e Almeida (2021), permite uma apresentação crítica de práticas profissionais, contribuindo para a

construção de conhecimento. O relato de experiência é uma ferramenta da pesquisa descritiva que apresenta uma reflexão sobre uma ação ou um conjunto de ações que abordam uma situação vivenciada no âmbito profissional de interesse da comunidade científica. O professor foi entrevistado durante a coleta de dados da pesquisa de doutorado da autora entre janeiro e outubro de 2020 em uma escola pública de Ceilândia/DF sob o protocolo CAEE nº 93584218.9.0000.0030, parecer nº 2.826.111, sendo assumidas as exigências estabelecidas pela Resolução 466/2012 e 510/2016/CNS/MSAS, o que resultou na redação deste relato, com anuência do entrevistado para participar da pesquisa e também do atual texto.

Foram realizadas duas entrevistas, com roteiro aberto e estruturado com o professor. Cabe ressaltar que todos os nomes utilizados no presente artigo são fictícios, visando preservar a identidade dos envolvidos. O questionário foi montado baseado na realidade dentro do ensino básico, buscando identificar como o capacitismo se manifesta nas escolas. Os questionamentos foram elaborados na tentativa de abordar o capacitismo e a deficiência na Educação Física escolar. Após as entrevistas, foram realizadas as transcrições e, em seguida, a análise das respostas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Visão de um Professor de Educação Física

O professor (aqui chamado de Carlos) inicia seu depoimento: "Sempre acreditei na Educação Física como uma ferramenta de inclusão e desenvolvimento da pessoa. Desde a faculdade, a ideia de que o movimento é para todos e que o esporte tem um poder transformador sempre me acompanhou. No entanto, a realidade da sala de aula e, principalmente, das competições escolares, me fez confrontar um desafio: a exclusão das pessoas com deficiência ou com algum tipo de limitação."

Carlos descreve o caso de um aluno com deficiência física do 6º ano, que gosta das aulas de Educação Física, mas cujas limitações físicas eram frequentemente vistas como um problema. "Nos Jogos Escolares, a pressão para montar equipes competitivas era intensa. Os colegas, muitas vezes influenciados pela mentalidade de vencer a qualquer custo, preocupavam-se com o impacto da presença de um aluno com deficiência no desempenho do time. A coordenação da escola, tentando evitar os conflitos, mas talvez por desconhecimento ou por uma visão ainda muito tradicional do esporte, sugeria que o aluno participasse apenas das atividades recreativas, fora das disputas oficiais. O aluno, apesar de não reclamar, demonstrava uma decepção. Ele desejava estar ali, competindo com os amigos e sempre era excluído das atividades esportivas". Essa experiência reflete o que

Adamson et al. (2020) descrevem como experiências de inacessibilidade e capacitismo relacionadas à atividade física. Di Marco (2020) lembra que essa segregação, mesmo que "bem-intencionada", é uma manifestação clara do capacitismo, pois parte do pressuposto de que a pessoa com deficiência não é capaz de competir em igualdade de condições, perpetuando a ideia de que a "capacidade" é a única métrica de valor no esporte.

A situação não era diferente com a questão dos alunos obesos. O professor cita como exemplo uma aluna que sofria com a obesidade. *"Ela era muito boa na dança, mas na hora de formar os times para o basquete ou o vôlei, era sempre a última a ser escolhida, ou nem era chamada. Os comentários dos outros alunos eram cruéis e a atitude de alguns professores, infelizmente, não ajudava. Eles a colocavam para pegar as bolas que saíam para fora ou a incentivavam a fazer atividades mais leves, o que a isolava ainda mais. A aluna se chateava e com o tempo ela não queria ir mais para a aula de Educação Física".* Assim, as aulas de Educação Física, que deveriam ser um espaço de alegria e superação, transformavam-se em um gatilho para a insegurança e a baixa autoestima da aluna. Há pesquisas que apontam que alunos com sobrepeso percebem negativamente suas experiências em Educação Física, sentindo-se excluídos e estigmatizados (Trout & Graber, 2009; Voelker et al., 2015). Sykes e McPhail (2008) também discutem essa exclusão. Di Marco (2020) destaca que essa exclusão é uma face do capacitismo que não se limita à deficiência, mas se estende a qualquer corpo que não se ajuste ao padrão de "normalidade" e "desempenho" imposto, revelando uma gordofobia sistêmica que invalida a experiência e a presença de pessoas gordas em espaços de movimento e esporte.

Quanto aos alunos com transtornos, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), *"muitos possuíam entendimento para participar das aulas de Educação Física, mas suas interações sociais e sua sensibilidade sensorial eram um problema. Em atividades que envolviam muita agitação ou contato físico, eles se sentiam sobreexarregados. Durante os jogos de futebol, por exemplo, o barulho do apito, o grito dos colegas, a bola em movimento, tudo isso era demais para eles. A solução mais fácil, e a mais comum, era dispensá-los de certas atividades ou deixá-los brincando sozinhos".* Essa mentalidade é perigosa porque ignora o potencial de cada indivíduo e as diversas formas de participação. A Educação Física adaptada e a inclusão são fundamentais para que esses alunos também experimentem o prazer do movimento e desenvolvam suas habilidades sociais e motoras. É preciso empatia e um entendimento sensível das diferenças sensoriais e de movimento no autismo (Kapp, 2013; Bottema-Beutel et al., 2023). Victo Di Marco (2020) adverte sobre a armadilha de pensar que a deficiência ou o transtorno de alguém

o torna "incapaz" por completo, desconsiderando suas outras habilidades e desejos. A exclusão demonstra a falha em ver a neurodiversidade como uma forma de existir, e não como uma limitação a ser isolada.

A pressão por performance nos Jogos Escolares é um fator crucial nessa exclusão. O professor se vê em um dilema: de um lado, a expectativa da escola por resultados, a vontade dos alunos e dos pais de ver o time vencer; do outro, o compromisso com a inclusão e o desenvolvimento integral de cada estudante. É como se houvesse uma balança, e o peso da vitória esportiva, muitas vezes, suplantasse o valor da participação e da vivência de todos. O esporte escolar deveria ser uma extensão do processo educacional, um espaço de aprendizado de valores como respeito, cooperação e superação, e não uma arena de exclusão baseada em padrões de desempenho pré-determinados. Di Marco (2020) descreve essa lógica do desempenho como uma das principais ferramentas do capacitismo, que nos faz acreditar que o valor de um indivíduo está intrinsecamente ligado à sua capacidade de produzir e performar dentro de padrões preestabelecidos.

Essa tendência à exclusão é reforçada pela falta de formação continuada adequada para os professores de Educação Física. Na graduação, a discussão sobre inclusão e capacitismo é incipiente. Aprende-se sobre a Educação Física adaptada, mas muito mais focada na deficiência em si e menos nas barreiras sociais e atitudinais que a sociedade impõe. A realidade é que muitos professores, mesmo com boas intenções, não se sentem preparados para lidar com a diversidade. Não sabem como adaptar as atividades, como comunicar de forma eficaz e como criar um ambiente verdadeiramente acolhedor. A falta de apoio da gestão escolar, de recursos materiais e de pessoal de apoio especializado agrava ainda mais essa situação. É um ciclo vicioso: falta de preparo, que gera insegurança, que leva à exclusão, que, por sua vez, perpetua o capacitismo. Ataíde e Massaro (2023) destacam a percepção de desafios na atuação dos professores com alunos público-alvo da educação especial, reforçando a necessidade de formação continuada. Victo Di Marco (2020) argumentaria que a falta de preparo não é apenas uma deficiência individual do professor, mas uma falha sistêmica do próprio modelo educacional, que não capta seus profissionais para desconstruir o capacitismo e promover uma inclusão genuína.

Após diferentes cursos de formação sobre deficiência e práticas pedagógicas, o professor relata que começou a experimentar pequenas mudanças em suas aulas. *"Em vez de simplesmente escolher os "melhores" para os times, passei a propor atividades em que os times eram formados por sorteio ou o mais hábil ajudava o mais fraco, incentivando a colaboração e a ajuda entre eles. Foi um desafio, exigiu paciência e adaptação, mas a*

alegria no rosto dos alunos e a forma como se apoiaram foram recompensadoras". Essa abordagem está alinhada com a ideia de inclusão compreendida pelas perspectivas de crianças com deficiência, conforme abordado por Law et al. (2010). Isso se alinha ao pensamento de Di Marco (2020), que defende a valorização das múltiplas formas de interação e colaboração, mostrando que a "capacidade" de se engajar em uma atividade pode ser construída coletivamente, e não apenas de forma individual. Formações em instituições como a EAPE/DF, CPB e APADA contribuem para a formação de professores mais conscientes, trazendo conhecimento para desconstruir paradigmas da visão capacitista e lutando contra atitudes discriminatórias e estereótipos negativos.

Em relação aos alunos obesos, o professor relata que passou a focar menos na performance e mais no prazer do movimento, oferecendo uma variedade maior de atividades, incluindo dança, jogos cooperativos e atividades que não exigem um nível de condicionamento físico alto. Isso contraria a visão estigmatizante que muitas vezes permeia a Educação Física, como discutido por Haegele, Zhu e Holland (2019) em relação à interseção entre deficiência e sobrepeso. Essa abordagem é uma resposta direta ao capacitismo que se manifesta na gordofobia, ao desvincular o valor do corpo do seu tamanho ou de uma estética imposta, conforme argumentado por Di Marco (2020).

Para os alunos com transtornos, o professor buscou entender suas necessidades individuais, conversando com os pais, a equipe de apoio e, principalmente, com os próprios alunos. Começou a propor momentos com menos agitação durante a aula, com atividades mais calmas, e o aluno podia se retirar para um espaço mais tranquilo caso se sentisse sobrecarregado. É fundamental que a escola não apenas aceite, mas acolha as diferenças, e que a Educação Física seja um espaço seguro e prazeroso para todos. Para uma pessoa com deficiência, o capacitismo manifesta-se em experiências cotidianas, seja por meio de atos, palavras ou olhares ofensivos. Ele pode ser sutil ou explícito e frequentemente se traduz na falta de acessibilidade em ambientes como o mercado de trabalho, salas de aula e até mesmo no próprio lar. Sartorelli, Fonseca e Pinto (2023), em seu trabalho "O capacitismo no Transtorno do Espectro Autista", abordam como essa realidade afeta indivíduos autistas, ressaltando a amplitude do problema. É imperativo que a escola se abstenha de perpetuar preconceitos e o desconhecimento acerca das capacidades de seus alunos, sejam eles com ou sem deficiência.

Ainda há um longo caminho a percorrer. O capacitismo está tão arraigado em nossa cultura que é preciso um esforço contínuo para desconstruí-lo. A Educação Física tem o potencial de ser um laboratório para a inclusão, um espaço onde a diversidade é celebrada e onde cada

indivíduo é valorizado por suas capacidades únicas, e não por suas limitações. O futuro, de fato, deve ser inclusivo e anticapacitista (Law et al., 2010). Vícto Di Marco (2020) conclui seu livro com uma mensagem de esperança, enfatizando que a desconstrução do capacitismo é um processo contínuo de aprendizado e transformação, mas que a mudança é possível quando se reconhece a riqueza da diversidade humana.

É fundamental que as instituições de ensino superior, responsáveis pela formação inicial dos futuros professores, incorporem de forma mais robusta em seus currículos as discussões sobre capacitismo, inclusão e diversidade. A Educação Física adaptada não pode ser apenas uma disciplina isolada; ela precisa ser uma lente através da qual toda a formação é vista, permeando as metodologias de ensino, as práticas de estágio e as discussões teóricas. Apenas assim formaremos profissionais verdadeiramente engajados na construção de uma Educação Física anticapacitista.

A superação do capacitismo na Educação Física escolar passa por uma mudança de paradigma. Ainda, é importante que os jogos escolares e outras formas de competição sejam repensados sob uma ótica inclusiva. A competição, por si só, não é negativa. O problema reside na forma como é concebida e implementada, muitas vezes privilegiando apenas um padrão de desempenho e excluindo quem não se encaixa nele. Pode-se planejar modalidades adaptadas, com regras flexíveis e níveis diferentes de capacidade esportiva. Isso não diminui o mérito dos "melhores", mas amplia as oportunidades para todos, reforçando que o esporte é um direito, e não um privilégio para poucos. Seron et al. (2021) defendem que o esporte pode ser uma ferramenta poderosa na luta anticapacitista, desde que haja uma valorização da diversidade. Di Marco (2020) nos convida a questionar a própria ideia de "competição" e "vitória" quando elas se baseiam na exclusão e na uniformização, propondo uma redefinição desses conceitos para que sejam verdadeiramente inclusivos.

Outro ponto fundamental é a necessidade de um trabalho conjunto de toda a comunidade escolar. A escola não pode ser a única responsável por essa inclusão. É preciso envolver as famílias, os profissionais de saúde e as associações de pessoas com deficiência. Um programa de treinamento de pais, como o descrito por Coelho e Murta (2010), poderia ser um caminho, pois pais mais informados e engajados podem se tornar grandes aliados na luta contra o capacitismo. Di Marco (2020) ressalta que o capacitismo é uma ideologia tão difundida que sua desconstrução exige um esforço coletivo e uma mudança de cultura em todos os níveis da sociedade.

Em síntese, a experiência deste e de outros professores de Educação Física mostra que o capacitismo é um desafio complexo e multifacetado, que exige uma

abordagem ampla. Não é apenas uma questão de boa vontade individual, mas de transformação de estruturas, de mentalidades e de práticas. É um processo contínuo de aprendizado, desconstrução e reconstrução. E, como educadores, nosso papel é sermos agentes dessa mudança, promovendo uma Educação Física que seja um espaço de acolhimento, desenvolvimento e alegria para todos os alunos, independentemente de suas características. O futuro, de fato, deve ser inclusivo e anticapacitista, como aponta Dolmage (2017).

Para finalizar, a Educação Física tem um potencial único para promover a inclusão. O movimento, o jogo e o esporte são linguagens universais que podem conectar pessoas e quebrar barreiras. Quando se consegue criar um ambiente em que todos se sintam seguros e valorizados para se expressar através do corpo, estamos contribuindo não apenas para o desenvolvimento físico, mas também para o desenvolvimento emocional, social e cognitivo dos alunos. É sobre educar para a vida, e não apenas para o esporte de alto rendimento. É sobre construir uma sociedade mais justa e igualitária, começando pela quadra da escola.

Considerações Finais

O relato deste professor de Educação Física ilustra, de forma contundente, as manifestações do capacitismo na Educação Física escolar e os desafios enfrentados pelos

professores que buscam promover a inclusão. A exclusão de alunos com deficiência, obesos e com transtornos não é um fato isolado, mas sim reflexo de uma cultura escolar e social que ainda valoriza o desempenho e a "norma" em detrimento da diversidade e da participação plena. Essa realidade ecoa as reflexões de Vícto Di Marco (2020) sobre o "mito da capacidade", que nos leva a acreditar que apenas certos corpos e mentes são válidos e dignos de participação plena.

Sugere-se a criação de caminhos viáveis para a superação do capacitismo. Experiências como a citada no texto apontam para a mudança de paradigma, a ressignificação da competição, o investimento em formação continuada e o trabalho em rede como estratégias fundamentais para construir uma Educação Física verdadeiramente inclusiva e anticapacitista. Ao reconhecer o potencial transformador do movimento e do esporte como linguagens universais, e ao valorizar a diversidade como um ativo, a Educação Física pode se tornar um espaço de acolhimento, desenvolvimento e alegria para todos os alunos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

A luta anticapacitista na Educação Física é um processo contínuo que exige reflexão crítica, ação e colaboração de todos os envolvidos. Somente por meio de um compromisso coletivo com a inclusão poderemos garantir que o esporte e o movimento sejam um direito, e não um privilégio, para cada estudante.

Referências

- ADAMSON, B.; KINNETT-HOPKINS, D.; ANARAKI, N. A.; SEBASTIÃO, E. The experiences of inaccessibility and ableism related to physical activity: a photo elicitation study among individuals with multiple sclerosis. **Disability and Rehabilitation**, v. 42, n. 26, p. 3745-3754, 2020.
- ARAUJO, F. Z.; SALLES, F. L. S.; CRUZ, M. B. B. Capacitismo, deficiência e educação física: notas sobre uma prática discriminatória e excluidente. **Revista Observatorio de la Economía Latinoamericana**, v. 22, n. 2, p. 1-22, 2024.
- ATAÍDE, J. C. V.; MASSARO, M. Percepções de egressos de um curso de especialização acerca da formação e atuação com alunos público-alvo da educação especial. **Revista Cocar**, v. 19, p. 1-20, 2023.
- BOTTEMA-BEUTEL, K. et al. Anti-ableism and scientific accuracy in autism research: a false dichotomy. **Frontiers in Psychiatry**, v. 14, 1244451, 2023.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 28 maio. 2025.
- COELHO, M. V.; MURTA, S. G. Treinamento de pais em grupo: um relato de experiência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 26, n. 2, p. 295-304, 2010.
- DI MARCO, V. **Capacitismo**: o mito da capacidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- DOLMAGE, J. T. **Academic Ableism**: Disability and Higher Education. University of Michigan Press, 2017.
- HAEGELE, J. A.; ZHU, X.; HOLLAND, K. Exploring the Intersection Between Disability and Overweightness in Physical Education Among Females With Visual Impairments. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v. 90, n. 3, p. 270-279, 2019.
- KAPP, S. K. Empathizing with sensory and movement differences: moving toward sensitive understanding of autism. **Frontiers in Integrative Neuroscience**, v. 7, p. 38, 2013.

- KIRK, D.; MACDONALD, D.; O'SULLIVAN, M. ***Handbook of Physical Education***. London: SAGE, 2006.
- LAW, M. et al. Inclusion understood from the perspectives of children with disability. ***Adapted Physical Activity Quarterly***, v. 27, n. 3, p. 275-293, 2010.
- MANNOR, K. M.; NEEDHAM, B. L. The study of ableism in population health: a critical review. ***Frontiers in Public Health***, v. 12, 1383150, 2024.
- MILLER, Judith. Teaching inclusively: Equity and diversity in education. In: MILLER, Judith; WILSON, Gahan; GARRETT, Robyne. ***Health in Physical Education***. 3. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2025.
- MÖRSCHBÄCHER, J. S.; HICKEL, N. K. Deslizamentos nos modos de exclusão e a emergência do capacitismo. ***Espaço Pedagógico***, Passo Fundo RS, v. 29, n. 1, p. 15-42, jan./abr. 2022.
- MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. ***Revista Práxis Educacional***, v. 17, n. 48, p. 48-60, 2021.
- SARTORELLI, Helisa; FONSECA, Kátia Abreu; PINTO, Naiana Paula Bocardo Nunes. O capacitismo no Transtorno do Espectro Autista. ***Revincluso – Revista Inclusão & Sociedade***, 3(2), 19, 2023.
- SASSAKI, R. K. ***As sete dimensões da acessibilidade***. São Paulo: Larvatus Prodeo, 2019.
- SERON, B. B. et al. O esporte para pessoas com deficiência e a luta anticapacitista: dos estereótipos sobre a deficiência à valorização da diversidade. ***Movimento (Porto Alegre)***, v. 27, e27048, 2021.
- SYKES, H.; MCPHAIL, D. Unbearable lessons: Contesting fat phobia in physical education. ***Sociology of Sport Journal***, v. 25, n. 1, p. 66-96, 2008.
- TAVARES, C. Z. ***Formação em avaliação: a formação de docentes no enfrentamento de um processo de avaliação a serviço da aprendizagem***. 2008. 246 f. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- TROUT, J.; GRABER, K. C. Perceptions of overweight students concerning their experiences in physical education. ***Journal of Teaching in Physical Education***, v. 28, n. 3, p. 272-292, 2009.
- UNESCO. ***Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais***. Salamanca, Espanha, 1994.
- VOELKER, D. K.; REEL, J. J.; GREENLEAF, C. Weight status and body image perceptions in adolescents: current perspectives. ***Adolescent Health, Medicine and Therapeutics***, v. 6, p. 149–158, 2015.